

PROJETO: "HISTÓRIA DA UFJF"

Formulário de registro das informações sobre a entrevista

Instituição responsável pela custódia: Universidade Federal de Juiz de Fora

Localização: Projeto "História da UFJF" (SALA CIII-12)

Código de Referência: Entre09

Entrevista Nº.: 09

Tipo de Arquivamento: Áudio, Vídeo e impresso

Fundo/Coleção: Entrevistas Projeto "História da UFJF"

Detalhamento dos objetivos e natureza da Entrevista

História de Vida: ()

História Oral Temática: (X)

Tradição Oral: ()

Linha de pesquisa: Memória da UFJF

Projeto de pesquisa: História da UFJF

Responsável (s) pelo projeto de pesquisa: Marcos Olender (coordenador Geral)

Camila Gonçalves S. Figueiredo (Coordenadora Executiva)

Objetivos da coleta do depoimento: A coleta do depoimento tem por objetivo a constituição de acervo de depoimentos orais de indivíduos que possuem experiências na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, ao longo da sua história.

Dados Pessoais do Entrevistado

Nome: Ignácio José Godinho Delgado

Data de Nascimento:

Cidade: Lima Duarte **Estado:** MG **Nacionalidade:** Brasileiro

Sexo: (x) M () F

Estado Civil: Casado

Demais informações/dados para contato:

Atuação profissional

Formação: Doutor em Sociologia e Política **Cargo/função:** Professor associado do Departamento de História e atual coordenador do curso de História da UFJF

Trajétoria profissional: Graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1981), mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) e doutor em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999)

Dados do Conteúdo da Entrevista

Sumário da Entrevista:

[00:11]Apresentação, onde fala de sua vida, se é filiado a algum partido e/ou sindicato, o ano que veio para Juiz de Fora.

[01:51]Se conhecia a universidade antes de vir, a relação da sua família com a instituição.

[02:30]Quando iniciou sua carreira na UFJF, falando de seu cargo e vida profissional que antecede a chegada na instituição.

[07:25] A cidade de Juiz de Fora hoje.

[17:05]Organização estudantil dos seus alunos.

[32:56] Metodologia de ensino, se houve mudanças.

[36:35]Dificuldades no Departamento de História.

[48:54]Importância da UFJF para a cidade e para a comunidade ao redor do campus.

[01:02:16]Avaliação sobre o REUNI e o PROUNI.

[01:14:08]Papel da ciência na sociedade.

[01:21:31]Papel do professor na sociedade.

[01:27:46]UFJF daqui a 50 anos

Palavras-Chave: Ignácio José Godinho Delgado, História, professor.

Resumo:

Fala sobre a vida e trajetória política e acadêmica de Ignácio Godinho. Aborda também sua visão sobre Juiz de Fora no passado, indo até o presente, falando sobre as transformações ocorridas na cidade e na universidade, sempre enfatizando a necessidade de se estreitar a relação UFJF e Juiz de Fora.

Dados Técnicos Entrevista

Data da realização da entrevista: 28/05/2013

Local: Gabinete do professor – Sala no 4º andar do bloco C do prédio do Novo ICH

Duração: 1 hora, 29 minutos e 57 segundos

Nº de fitas e/ou tempo de gravação: 1 hora, 29 minutos e 57 segundos

Números de identificação das fitas e/ou do arquivo em áudio: 09

Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Carolina Martins Saporetti

Entrevistador: Carolina Martins Saporetti

Cinegrafista: Renato Ulhôa

Auxiliar (s) Técnico: não houve

Responsável pela transcrição: Carolina Martins Saporetti

Data da transcrição:

Início: 24/03/2014

Conclusão: 03/04/2014

Responsável pela conferência da transcrição: Eliene da Silva Nogueira

Data da conferência da transcrição: 24/04/14

Responsável pela edição de texto (se houver):

Especificações da edição de texto (se realizada):

Data de assinatura do termo de autorização: 28/05/2014

Data da liberação:

Qtde. de páginas transcritas: 16

Endereço para acesso eletrônico do arquivo em áudio:

Endereço para acesso eletrônico da transcrição:

Observações relevantes:

Inserir Declaração de Cessão de Direitos autorais (versão digitalizada)

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, IGNAVIO JOSÉ GONCALVES DEKADA,
nacionalidade: BRASILEIRA, estado civil: CASADO,
profissão: PROFESSOR, portador do documento de Identidade
Nº: M-943.179-SSP-MG, domiciliado e residente na cidade de
JUIZ DE FORA, endereço: RUA Pº ANCHIETA,
nº: 92, bairro: SÃO MATEUS, declaro ceder Universidade Federal de
Juiz de Fora, situada na cidade de Juiz de Fora/Minas Gerais, na Rua José Lourenço
Kelmer, s/n, Campus Universitário, bairro São Pedro, sem quaisquer restrições quanto
aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, de maneira total e definitiva os direitos
autorais do depoimento e da transcrição do mesmo, de caráter histórico e documental
que prestei aos alunos e pesquisadores da referida instituição, em 28 de
MAIO de 2012, num total de 1:30 horas gravadas. A Universidade
Federal de Juiz de Fora, no ato das suas atribuições, ficará com a custódia desta
entrevista e irá disponibilizá-la para consulta e utilização por outros pesquisadores em
meio eletrônico e em arquivo.

Demais especificações:

Finalidade do depoimento: **Projeto "História da UFJF"**

Método de gravação e arquivamento:

Juiz de Fora, 28 de maio de 2012.



Assinatura do entrevistado


Assinatura do (s) responsável (s) pelo Projeto "História da UFJF"

Transcrição da Entrevista:

[00:02] Carolina: Então Ignácio, começando a entrevista, queria que você falasse um pouco sobre a sua trajetória de vida. Onde você nasceu...

[00:11] Ignácio: Bom, eu nasci em Lima Duarte, que é uma cidade perto daqui de Juiz de Fora, e... mas eu morei em várias cidades da Zona da Mata, meu pai era juiz né, então eu morei em Senador Firmino, Miráí, Mar de Espanha e finalmente Juiz de Fora. E... é... fiz o, todo o meu primeiro grau em escola pública, né, em cada uma dessas cidades, um ano, um grupo escolar. Aqui em Juiz de Fora, eu fiz o grupo escolar Duque de Caxias ainda, depois eu ingressei no João XXIII, onde fiquei até a 8ª série, a... o segundo grau eu fiz no Machado (Sobrinho), e depois, 77, eu entrei na universidade (UFJF). É... bom isso, daí pra frente formei em História, é... e fiz como era comum na minha época, o mestrado e o doutorado muito tardiamente, 10 anos, 5 anos depois de formar fiz o mestrado, 10 anos depois eu fiz o doutorado (risos), né... e ambos na UFMG e ambos em Ciência Política. Não sei se era exatamente essa parte mais escolar e acadêmica que interessa a vocês.

[01:44] Carolina: E quando você conheceu Juiz de Fora, foi quando você veio estudar no grupo escolar aqui?

[01:51] Ignácio: Não, a minha... sendo a minha família de Lima Duarte, sempre que a gente ia passar as férias lá, a gente tinha que passar por Juiz de Fora, e aqui tinha vários parentes, então desde cedo eu sempre vim a Juiz de Fora, e eu mudei definitivamente pra cá em 68, então com, 67, 68, então com 9 anos eu já morava aqui, tem... 47 anos que eu moro em Juiz de Fora.

[02:21] Carolina: E quais foram as motivações pessoais que o levaram a escolher a sua profissão?

[02:30] Ignácio: Ai... Tão difícil falar disso, porque na verdade eu...Eu não tinha muito claro para mim, nunca tive muito claro para mim, o que que eu queria ser, aquela coisa das crianças, o que que vai ser quando crescer. É...Eu gostava muito de literatura, gostava muito de música, então eu sabia que ia ficar nessa parte aí de ciências humanas, né. Mas até a véspera da inscrição para o vestibular eu achava que ia fazer Letras, só que com ali 16 anos eu comecei a... a me inclinar é... politicamente mais pra esquerda, né, e me deu a sensação de que Letras era uma coisa muito diletante, então a escolha de História foi um pouco por causa disso, não por causa da História especificamente, mas, é, nessa oportunidade eu já tinha lido um, dois textos do Marx, eu me lembrava muito d'uma nota que ele põe na "Ideologia Alemã" de que "apenas conhecemos uma ciência da história...", eu falei então é essa que eu vou fazer, (risos), aí escolhi. Mas é... na verdade, assim, embora depois eu tenha gostado muito de... do magistério e mais a frente da atividade da pesquisa, é... eu nunca fui exatamente um... apenas... não é... exatamente um historiador, assim... *stricto sensu*, porque eu tenho uma formação muito eclética, né, é... então... enfim, a escolha, a motivação foi um pouco política, é...depois é que a parte profissional e acadêmica foi se configurando.

[04:40] Carolina: E a sua graduação foi feita aqui na universidade?

[04:43] Ignácio: Foi, aqui. Entre 77 e 80.

[04:51] Carolina: E você se lembra como era a cidade de Juiz de Fora na sua infância, é, infraestrutura, economia?

[05:03] Ignácio: É, eu lembro, eu tenho um menino de 12 anos, a coisa que eu lembro que era muito mais fácil a gente é... circular pela cidade do que hoje, né, não só por causa dos problemas da segurança e trânsito, mas também porque as opções eram muito mais é definidas na área central da cidade, a gente ia sempre pro centro da cidade, é... mas, enfim, o que eu sempre achei muito gozado, é que em 1970, eu tinha 2 anos de Juiz de Fora, e... saiu a notícia do senso que Juiz de Fora tinha 315 mil habitantes, 15 mil habitantes, e a cidade sempre reclamou que o senso errava, que ela tinha muito mais, e ao longo do tempo a gente foi vendo tanto a população quanto a economia da cidade perdendo espaço né, para outras cidades de Minas, apesar da cidade estar sempre cheia, o que talvez seja um efeito só da sua condição de cidade universitária, né, de cidade com uma população flutuante muito grande. Mas era, enfim, um lugar que a gente circulava, né, num...num... numa área um pouco bem mais restrita que hoje se circula pra, pro lazer, pra cultura, então, e, mas com, sempre com uma vida cultural e política muito ativa né, grupos de teatro, cineclube, participei de cineclube, de grupo de teatro, e...é, sempre girando muito em torno da universidade, as coisas que aconteciam, pelo menos na minha percepção, na época, ali nos anos 60. Não sei se isso mudou, ou...

[07:21] Carolina: E como você enxerga Juiz de Fora hoje?

[07:25] Ignácio: Eu acho que Juiz de Fora é uma cidade assim que, é... perdeu um pouco o rumo. Essa é a minha impressão. É uma cidade que foi um grande polo industrial, depois optou por renovar essa condição de polo industrial com atração de investimentos externos que pouca conexão tinham com as atividades tradicionais da cidade e com, é, novas atividades como, por exemplo, educação universitária, é... que formava gente que não era aproveitada aqui, e na verdade nós temos conhecido uma sucessão de administrações que não conseguem definir um projeto para a cidade né. O... por isso, claro que, é... existe uma contaminação de uma exaustão assim da região como um todo, né, da Zona da Mata como um todo, mas muito também por que Juiz de Fora não consegue mais puxar o desenvolvimento da região como sempre o fez. Então por isso nós de 'Princesa de Minas', 2ª cidade do estado economicamente, hoje somos a 6ª em arrecadação, e... perdemos pra Contagem, perdemos pra Uberlândia, perdemos e sem, se você for olhar assim qual que é o rumo da cidade de Juiz de Fora, ninguém sabe dizer, porque as administrações municipais tem feito um pouco o "feijão com arroz", né, e assim, o, a grande, é uma, a instituição que mais podia mais fomentar isso, que é a Universidade, também tem uma conexão muito pálida com o poder público municipal, no sentido de construir um projeto para a cidade, tentar ver qual que é a inserção econômica que ela deve ter, que tipo de atividade nós temos que atrair, desenvolver, o que que nós temos que fortalecer localmente, considerando a tradição, o conhecimento tácito que aqui existe em algumas áreas, como por exemplo essa de confecções, que tudo mundo anuncia a morte, mas que nunca morre, né, é... e um... uma política cultural mais articulada, embora a cidade seja muito rica culturalmente, mas nada do resultado de política pública, enfim, do ponto de vista dos indicadores sociais a cidade até é muito razoável, é mas isso é curiosamente um efeito talvez da sua estagnação, né, como ela estagnou, e as pessoas que na busca de ocupação saem muito daqui, não existe muito uma pressão grande sobre serviços, né, tipo habitação, água e esgoto, aqui nós temos tudo, a cidade mais ou menos coberta. Agora, é... ficamos reféns na verdade, de dois setores de atividade econômica que determinam o rumo das eleições municipais e o futuro da cidade, que é a turma da construção civil e de transporte urbano, então são duas coisas que não se resolvem, a cidade está cada dia mais entupida, mais feia, porque ninguém enfrenta esses setores, e um sistema de transporte absolutamente caótico, né, enfim, vocês que vem aqui todo o dia aqui para universidade sabem

o que eu estou dizendo, impossível chegar aqui na aula das 7 horas, pra quem ainda tem aula as 7 horas, tem gente que tem...

[11:41] Carolina: E você tem alguma participação no sindicato dos professores, nos colegiados, militância...?

[11:47] Ignácio: Não, isso eu tive, eu participei no sindicato dos professores do 1º e 2º grau, eu participei é... até 1982 da oposição sindical que acabou resultando na vitória do grupo que tá no sindicato até hoje, embora na 'hora h' eu tinha sido, eu tenha sido colocado fora da chapa, mas eu participei, eu cheguei a participar de mesa de negociação salarial, né, indicado por uma assembléia, é... junto com a outra diretoria, a diretoria anterior, eu esqueci o nome do cara, Eriberto, Eribelton, né, uma coisa assim. E depois na, na APES, é, eu não cheguei a participar da direção da APES em momento nenhum, muito por escolha minha, num queria, por razões pessoais e depois porque eu entrei como auxiliar de ensino na universidade, eu falei "eu preciso fazer um mestrado", aí fui fazer o mestrado, essa, essa coisa me atrapalhou, né, atrapalhou, determinou a minha escolha, mas participei intensamente, especialmente nos anos 80 do movimento sindical dos professores universitários, né, participei de comando de greve nacional, enfim. Agora, é... desenvolvi, honestamente, um juízo muito crítico em relação ao sindicalismo no serviço público, em especial no meio dos professores, não é um juízo crítico é... de ser contra os movimentos, não, não, de jeito nenhum, acho que os movimentos sempre são legítimos, sempre muito importantes de fazer, mas eu questiono um pouco a sua eficácia, né, por que as greves nas universidades, como elas não afetam atividades econômicas diretas, elas permitem que o governo manobre com, com muita folga, em relação ao *time* do movimento, né, então só quando tá chegando perto daquele momento em que o período pode ser perdido, e tal, é que as negociações são mais efetivas, ou, ou eventualmente nem são, as coisas são atropeladas, e...e o movimento se perde, né, se perde e tem que negociar qualquer coisa, ou sair sem negociação, como é que foi o ano passado, mas uma hora você sabe que vai ter que sair, e o teto é sempre o momento da perda do período, e a outra opção, que a gente, "ah então larga pra lá, vamos perder o período de qualquer jeito" se você anunciar isso acabou o movimento também, né, o Antônio Carlos Magalhães uma vez na Bahia fez isso, e os...o movimento radicalizou, "vamos suspender o período", "ah é, então suspende", acabou, acabou, ai acabou tudo, o movimento ficou isolado, queimado, e tal, os alunos sem aula, doido para matar os professores, então, é... eu acho complicado. É, o... acho que o movimento docente, em especial, o movimento estudantil tem características diferentes, né, é, o movimento docente ele tinha que incorporar na sua agenda, é... temas mais ligados ao debate acadêmico dos professores, pra conseguir atraí-los e não um grupo muito restrito de militantes.

Agora eu esqueci de falar, eu participei muito também do movimento estudantil, esse eu participei muito, perdi 2 eleições, se acredita, todas as eleições que eu disputei, (risos) eu disputei a direção do DCE, a direção da UEE, né, e ajudei a organizar um grupo aqui que foi muito forte é, na, nos anos 70 e 80, que foi uma tendência chamada 'Estratégia', né, da qual resultou depois, enfim, é um grupo que tem continuidade até hoje, acho que tá até na direção do DCE, assim, a herança disso, então, é... isso foi, essa atuação foi, eu acho, até mais intensa do que a, por que o movimento estudantil tem uma diferença, a pauta do movimento estudantil não é a pauta salarial, né, então ele, ele não tem esse problema do *time* e além de tudo tem o vigor da juventude que é sempre uma coisa sensacional, né, é aquela coisa que a gente falava na época 'é o apito da panela de pressão', ele anuncia o que está por vir, abre espa...é uma espécie de porta bandeira, abre espaço para outros movimentos....

[16:57] Carolina: E como era a organização estudantil dos seus alunos ao longo da sua trajetória enquanto professor?

[17:05] Ignácio: Não, os estudantes sempre tiveram as suas entidades, né, quando eu era estudante nós não tínhamos o CA's por curso, nós tínhamos o DA do ICHL, que era o ICHL, eu não sei se essa configuração é pior, ou melhor, eu, a gente, entretanto tinha um diálogo muito intenso entre os cursos, eu não posso dizer se isso continua, depois que foi feita a opção de criar os CA's, né, que aumentou o piso digamos do instituto, dos estudantes do instituto no Conselho (risos) de CA's do DCE, CA's e DA's, o CONCADA, é, mas não tenho clareza se é a melhor opção fragmentar, de todo modo a organização sempre foi essa, CA's e DA's, eventualmente assim um, uma... arranjos menos formais por dentro da da entidade, me lembro que na minha época, teve um, quando eu era estudante, tinha um grupo anarquista que chamava MERDA, 'Movimento Estudantil Revolucionário do Agora', e eles não propunham nada, eles chegavam na, na... na sala de aula, "Não votem em mim porque eu vou renunciar", (risos), mas eles criavam um alô, né. E sempre teve é... Ó, uma coisa super legal que houve ainda na época da ditadura, era um... uma... iniciativa do DCE que ocorria nos sábados na universidade, que era o 'Som Aberto', então ou pessoas daqui ou pessoas serem chamadas de fora, já veio João Bosco, já veio Clementina de Jesus, veio o... aquele cara do, Mano Décio da Viola, sabe, essa turma toda, é, o, aquele do Carcará, o João do Vale...

[19:29] Renato: A Leci Brandão.

[19:30] Ignácio: Leci Brandão, é, era um, assim, e como você tinha muita dificuldade de, de fazer política *stricto sensu* né, a cultura era o principal veículo da manifestação política, e o 'Som Aberto' era o grande momento, assim, porque reunia gente no anfiteatro do que é hoje o ICB (Instituto de Ciências Biológicas) na época chamava ICBG, e... lotava de gente e tal, é... simultaneamente cê tinha é... algumas publicações de poesia, que o varal da poesia, que fazia aqui, fazia na rua Halfeld, então eles criaram um movimento muito legal na cidade, é, porque não envolvia só os estudantes universitários, eu lembro que eu era garoto do 2º grau "sábado de manhã eu tenho que ir pro Som Aberto", então vinha todo mundo pra cá e depois você descia pra rua Halfeld pra ficar nos movimentos de poesia, então era isso. Depois essas coisas continuaram a existir, mas na medida em que a vida política se tornou mais normal, vamos dizer assim, né, com todos os atores podendo se manifestar, as atividades foram se institucionalizando nos seus campos, elas não cruzavam assim muito com a política, né, sem perder a riqueza que sempre teve, mas nesse momento que foi ali 74, 75, 76, é, o... era um veículo de manifestação política importante, depois o DCE também, ele.. na década de 80 quando eu já tava saindo, a gen, a gente tinha um diagnóstico ali nos anos 70, no final dos anos 70, eu entrei na universidade em 77. 78, 79, foram anos assim de enormes manifestações estudantis no Brasil inteiro, teve uma reação inaugurada né, pelo DCE da USP em São Paulo, que, com, em a reação ao pacote de abril do Geisel de 77 e a morte do Herzog, do Manuel Fiel Filho, que assim, surpreendentemente, foi surpreendente mesmo, para todos nós, e pra, e pro governo, né, pro regime militar, eles conseguiram sair à rua com 15 mil pessoas, foi um negocio assim, "pá, ué, voltaram pra rua", a rua voltou a existir, né, como um palco de ação política, coisa desse tipo, aí todo mundo começou a querer fazer coisas assemelhadas, e aqui em Juiz de Fora o DCE circunstancialmente, nesse ano, tava nas mãos da direita, 77, um grupo de direita tinha ganho o DCE na eleição no final do ano anterior, em 76, e tava com a direita, então teve que ser o conselho de CA's né, a conduzir essas manifestações, então nós fizemos uma assembléia aqui com 6 mil estudantes, todos os estudantes da universidade desceram, O reitor que era o Sebastião de Almeida Paiva não deixou a gente ligar o som, 'nego' pulou a janela, ligou o som,

a gente nem sabia fazer manifestação direito, eu lembro assim, que foram só os dirigentes de CA que falaram, então falou o Jorge Pantera e eu pelo DA do ICHL, a gente lia os discursos, (risos), e nessa primeira, é não sabia o que fazer, é né, era, era uma assembléia, não sei o que fazer, “então vou ler esse discurso, meter o pau no governo”, (risos), ai todo mundo leu os discursos. E ai na hora que o Pascoal Montesano, que era o presidente do DCE, foi falar, ele começou assim “estudantes de Juiz de Fora”, eu “lá vai o... [indecifrável]”, ai tava sacramentada a sua derrocada, tinha que esperar até o final do ano e tal, ai nós fizemos umas 3 assembléias desse tipo, sem muita é... percepção do que que era, que tinha que ser feito, sabe? Então a única coisa que se votou lá, é uma votação que, numa das assembléias, na terceira, que já foi a mais esvaziada, é... se votou é a... batizar a praça cívica de praça dos estudantes brasileiros, que uma coisa que nunca pegou né, nun... num sei, nunca pegou, a gente “pé, praça dos estudantes brasileiros”, todo mundo votou, mas não aconteceu nada. Passado esse momento, o... ai nos tentamos ir ‘pa’ rua, naquele afã de ampliar o movimento para além dos muros da universidade, aí começou é, a repressão ficou um pouco, mais seletiva, né, quando saia pra rua, nego pegava, ai você passava um dia detido, e a coisa não funcionava. No ano seguinte, ai nós tivemos uma grande greve também, que é a greve dos transportes, né, 78, já na direção do DCE do Zé Pimenta, que foi, que é um cara que vocês tem que entrevistar, ele, o Zé Pimenta é a maior vocação de liderança que eu já vi que não, num consegui vingar mais a frente, os estudantes amavam o Zé Pimenta, e nós já tínhamos no campo ali de oposição a gestão do Pascoal Montesano, nós estávamos todos juntos, no final nós separamos, né, porque quando a coisa estourou aqui, as correntes de esquerda vieram do Rio, de Belo Horizonte, “ô, nós vamos ganhar aqui os meninos e tal”, aí foram fazendo as suas bases, e nós caminhamos, esse grupo ‘Estratégia’, pruma aproximação com a centelha de Belo Horizonte, Peleia no Rio Grande do Sul, que era um grupo trotskista, né, que é hoje a corrente DS (Democracia Socialista) do PT. E, é... mas porque o... a reitoria também tinha dificuldade de negociar, nós também tínhamos dife.. dificuldade de formular nossa pauta concretamente, mas o fato é que depois de uma manifestação em frente a prefeitura, o ‘pau comeu’, a policia saiu batendo em algumas pessoas, e tal, o Zé Pimenta foi preso, ai virou... e... e tal. E em 79, tem uma outra grande campanha que foi a campanha do R.U., né, sempre são os mesmo temas, se vê que os temas são os mesmo desde sempre, mas que teve a primeira tomada de R.U. do Brasil (risos), saiu na capa do JB, “estudantes de Juiz de Fora tomam o R.U.”, e acabaram preso eu, Pantera, o Flávio Checker, e um menino, Carlos Eduardo do Direito, esse eu nunca mais vi, não sei o que que aconteceu com ele, e ai foi uma coisa emocionante, por que os estudantes se mantiveram mobilizados até soltar o pessoal, mas o... ai passado esse ímpeto, de 3 anos, foram 3 anos na realidade, a coisa começou a afrouxar um pouco, ai nós fazíamos uma avaliação que a perda de, de, de intensidade do movimento decorria da... da... do fato dele já ter cumprido o papel que a gente esperava, que era de arrombar a porta para que outros movimentos, outros atores né, pudessem ocupar um espaço que tava se abrindo, tinha muito essa discussão do espaço político, aumentar o espaço político, o estudante era meio a bucha de canhão que ia lá frente, aumentando o espaço político, né, uma espécie de, como é que é o nome disso no exercito, quem vai na frente assim? Bom, me fugiu... é... E aí teve as greves do ABC, né, o movimento sindical se rearticulou, começou o movimento pró CUT, nós também completamos um ciclo, que foi a refundação da UNE, né, em 79, então assim, ficou aquela coisa meio sem rumo, meio sem rumo, e ficava, é, uma discussão, e.. olha, as discussão são sempre as mesmas, se nós temos que retomar as lutas especificas para poder despertar pra política e tal, e também a conversa da, de incentivar mais as ações culturais, e ai, é... Durante os anos 80 teve muita coisa ali na praça cívica, muito show, muito não sei o que, muito num sei quê, que é uma coisa que eu não sei, atualmente acontece pouco né, muito pouco. Mas ai, que depois que eu era estudante era isso que eu via muito, era uma coisa que na

minha época, por exemplo, a gente não fazia, o... teve uma vez uma discussão no DCE, “vamos ou não fazer um show de funk”, pra ganhar dinheiro, encher as burras do DCE de dinheiro, nossa mas, foi um debate ideológico enorme, no final nós decidimos que não era pra fazer o show de funk, né, é, e eu lembro que nos anos 80, não o funk, mas teve, teve shows aqui que veio um grupo que cantava pelado, num tinha isso, na época que a Gil...

[29:44] Renato: Anos 90.

[29:45] Ignácio: que a Gil era presidente do DCE, então assim, era uma coisa pra nós impensável, nós éramos uma esquerda muito careta na época...(risos)... Ai, ai...

[30:04] Carolina: E como eram as formalidades institucionais e acadêmicas quando você entrou aqui na UFJF, questão de matrícula, da grade curricular do curso de história, as calouradas...?

[30:19] Ignácio: É, o curso de História nunca teve muita calourada, né, é... porque primeiro assim era um curso escolhido por pessoas que contornavam, né, digamos assim a dimensão competitiva do vestibular, né, e segundo também ou então, muita gente de esquerda, que não sei o quê, todos os cursos de humanas achavam isso uma babaquice, que não sei o quê. Eu, eu fiquei até careca, no vestibular, mas porque um professor meu de cursinho me pegou na rua e cortou o meu cabelo, não teve nada aqui na universidade, né, não teve, depois que eu cheguei nada aconteceu. Né, essa coisa que eu vi outro dia, calouro que entrava em sala, e, e, não existia. É... e... a ma... matrícula, a matrícula não tinha o Siga nem nada, era feita pela coordenação, era um inferno, uma fila miserável, você tinha que fazer com duas semanas de antecedência se eu não me lembro vagamente. E o curso era uma grade muito pesada, o curso de História eu fui fazer muita matéria. Cê tinha, só pra vocês terem uma idéia, quando eu entrei além dessas matérias convencionais que você tem, Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea, [inaudível], Brasil, paranã... eu tinha os quatro Brasil, agora aumentou até mais você tem cinco, mas tinha quatro América, quatro História Econômica, quatro História das Ideias Políticas, era tudo quatro, quatro, quatro...então era carregado, um negócio assim, matéria que não acabava mais, e... é... no meio dos 80 ali gente fez, eu não lembro exatamente uma coisa assim, nós fizemos uma reforma de currículo que nós abaixamos esses negócios tudo pra dois. Mas é o mesmo currículo só que com duas. E... aí finalmente essa reforma de 2001, 2003, que tem essa quantidade atual que também precisa ser revista, a coordenação propôs ao seu tempo (risos).

[32:45] Carolina: E como era a metodologia utilizada por fazer para ministrar as suas aulas, quando começou a trabalhar na UFJF? Mudou bastante?

[32:56] Ignácio: Ahh, eu sinceramente, eu... eu não penso muita metodologia para ministrar aula não, sou um professor meio das antigas, eu estudo, monto um roteiro e saio falando. Essa é a minha aula. Antigamente eu usava quadro, desde que surgiu o computador que eu tentei fazer isso com estêncil, mas com estêncil eu não sabia datilografar, tinha que pedir os outros para datilografar. Na hora que surgiu o PC, eu falei não posso ficar longe disso, então eu aprendi a digitar, com dois dedo, e...com isso eu escrevi o meu doutorado, fiz tudo com dois dedos. Aí eu comecei a montar os roteiros, que eu vou atualizando quando eu acho necessário, ano a ano, e distribuo para os alunos, então eu nunca mais usei quadro. Essa é a minha metodologia (risos), se é que é possível falar metodologia, agora eu faço seminário, entendeu? Eu faço painéis que as pessoas apresentam, assim, por exemplo, a minha aula de Brasil República II, e aí quando eventualmente eu dou a III, sempre termino o cursos pedindo para os alunos fazerem uma exposição sobre é.. temas mais relacionadas a cultura, pois como o meu viés é mais pa...pra área de História Econômica e da História Política, essa dimensão e...eu confesso logo na primeira

aula que eu não desenvolvo com muita intensidade. Então, mas, a gente faz duas sessões de quatro aulas, em que os alunos com muita liberdade apresentam temas relativos a cinema, é..artes plásticas, teatro, o que bem entender dentro de um elenco de opções. E pinta muita coisa legal, muita coisa legal, é... eu lembro um trabalho na década de 90 sobre música popular que gente que atuou na década de 70 e 80, tem muito preconceito com o tempo presente erradamente, e o pessoal fez uma apresentação da música popular nos anos 90 que também foi ótimo que eu aprendi que existia muita coisa. Teve uma outra, um...um trabalho desses que eu não esqueço, lembrando agora já que saiu o filme sobre Legião Urbana, sobre o Renato Russo, que a..o grupo perguntou, assim, Ignácio pode pegar só um artista e tentar desenvolver é...uma apresentação sobre a trajetória dos anos 80's a partir do trabalho deste artista. Eu disse: "Pode." Eles pegaram as letras do Legião Urbana e as músicas do Legião Urbana foram colando com filmes dos anos 80's ficou MA-RA-VI-LHO-SO. Eu até recomendei. Então assim, se é, se dá pra falar em Metodologia é isso. Mas eu gosto muito da aula expositiva, de falar, não sei o quê, sou um falador nato.

[36:23] Carolina: Você lembra se o departamento para o qual você trabalhou/ trabalha é... passou por algumas dificuldades econômicas resultantes das políticas públicas educacionais?

[36:35] Ignácio: Ahh sempre, eu acho só, que as coisas só mudaram aqui na UFJF recentemente no governo Lula. E... o... durante todo o período em que eu vivi na universidade como estudante e como professor até 2004, porque também os dois primeiros anos do governo Lula foi de lascar, essas sem problemas pouco professor, pouco recurso pro curso, pra pesquisa, nada de bolsa de iniciação científica ou de qualquer tipo, não tinha nada disso, nada disso. Ohh eu vou te contar uma coisa, eu fui fazer o mestrado, em Belo Horizonte, mestrado naquela época durava 4 anos, ta? Tudo bem, ta? Vamos dizer que estava errado, mas era o formato, eu só ganhei licença nos seis meses finais, pra escrever a tese, pra escrever a tese, o tempo todo sem bolsa, e... ahh... tendo que viajar para Belo Horizonte, sorte que eu tinha família lá. Mas a coisa era ruim mesmo, e.. o... as bolsas CAPES pra você uma pós graduação numa universidade que a maior parte dos professores não tinha mestrado nem doutorado, que eles também na UFJF só mudou nos anos 90's, né? Era muito exíguas existia uma concepção também nossa da instituição, muito assim aulista, nosso papel é servir a graduação, nada de pensar em pós graduação e pesquisa, né? E... então eram pouquíssimos nichos assim dentro da instituição que tinham essa preocupação,né? Cê vê o nosso primeiro curso de pós é... salvo o melhor juízo é no final dos anos 80's, é Letras ou Ciências das Religiões eu lembro quando eu fui candidato a reitor eu errei quem foi o primeiro e continuo sem lembrar direito, mas assim ó no final dos anos 80's que foi criar um primeiro curso de mestrado é... em Letras ou Ciências das Religiões. Aí nos anos 90's por determinação muito do Renê e da Margarida como reitores a universidade foi mudando esse perfil e os professores também foram sentindo que num ambiente em que a... é... a pós graduação ia se firmando em diferentes instituições iam ficar muito pra trás. Então, houve um esforço grande, mas a...a... aqui por exemplo no Departamento de História a gente qualificou as pessoas ali nos anos 90's né? Poucos foram os que entraram aqui com doutorado. Essa leva nova nova não, todo mundo entrou com doutorado, mas até o final dos anos 90's eu acho que o... eu me lembro que o Rômulo Garcia de Andrade entrou com doutorado o resto era tudo gente que entrava ou com a... como auxiliar de ensino ou com mestrado, né? E aí cê tinha... como você vai montar uma pós graduação se você só tinha professor mestre. E tinha pouco professor e o currículo era deste tamanho, né? E... então aí a gente mandava a pessoa sair e... adiava, os alunos foram muito prejudicados nessa época porque a gente tinha que fazer ajuste na programação assim, pra poder formar as pessoas. Aí foi criamos o Núcleo de História Regional

que foi a primeira iniciativa realmente de... no departamento e no curso de História de tentar organizar atividade de pesquisa, naquela época todo mundo fazia trabalho sobre Minas, Zona da Mata, Juiz de Fora, então criamos esse Núcleo de História Regional que foi o ponto de partida pra criar a Locus, pra criar a revista eletrônica de História do Brasil e depois simultaneamente por iniciativa do Galba e do professor Luis Antônio, o Preto, né, o Arquivo Histórico foi formando aí que nós fomos criar uma infraestrutura institucional para desencadear a pesquisa, mas isso no final dos 90's, no final dos 90's. Se você fosse fazer o curso de História no início dos anos 90's você só tinha, você não tinha nenhum horizonte de, de trabalhar num projeto de pesquisa, tá envolvido essa coisa de laboratório que a gente tem aqui, não tinha nada, nada, nada, nada, nada era aula e muita aula, aula, aula e aula um curso deste tamanho, né? E nada de pesquisa. Aí o Renê e a Margarida forçaram a barra neste sentido de bolsa, por exemplo, a Margarida ampliou enormemente o número de bolsas, hoje aumentou, mas porque o dinheiro também tá fluindo mais fácil, né? O Renê estimulando a... romper com a endoginia também era um problema que a gente tinha muito na universidade. É... tem um lado bom e um lado ruim, o lado bom às vezes é o comprometimento das pessoas que ingressam como professores com instituição porque já vieram dela, etc. O lado ruim é você vai ficar criando assim né, um...um organização fechada em si mesmo, um ciclo de amigos, parentada, que não sei o quê... Mas assim, por exemplo, foi na gestão da Margarida que se tomou a decisão que banca de concurso é dois de fora e um de dentro, então a partir daí você tem uma, uma pelo menos uma distância maior no processo seletivo. Que tu criou a exigência de só fazer concurso pra doutorado, pra adjunto, né, raríssimas exceções você abria pra mestre ou então quando de fato não aparecia ninguém, aí aquele negócio se não apareceu ninguém do doutorado aí numa segunda chamada você abre pra mestre, ampliou o número de bolsas como eu falei, criou é.. o.. deu condições de trabalho para a pró reitoria de pesquisa e de pós graduação e aí as coisas começaram a mudar, mesmo assim com muita dificuldade, com muita dificuldade grana e tal, mas ali e tal, mas na hora que as coisas melhoraram já tinha montado um, sabe? um arranjo institucional que permitia a universidade dar um salto. Então, hoje nós támo eu acho igualado a qualquer instituição brasileira em termos da produtividade acadêmica, né, pesquisa, pós, e tal, e... talvez seja o caso de então voltar as origens e olhar um pouco mais pra graduação. Como eu virei coordenador to um pouco com essa percepção, que a gente... tá precisando repensar nossa graduação de modo a... a ver como que a formação do professor pode ser mais afinada com as necessidades do país, da cidade, e também com as exigências do mercado de trabalho. Enfim, mas isso é uma coisa que, que é natural, mas agora, nós entramos num ciclo definitivamente muito positivo desde meados dos anos 90's e a permanecer o conjunto de políticas que foram desencadeadas a partir de 2004 pra universidade aí eu acho que nós vamos longe. Algumas opções ao meu ver foram meio tortas, mas a gente não pode discutir isso, isso é, discutir assim não pode objetar escolhas das pessoas, eu particularmente é... penso que a gente poderia ter uma política mais harmônica, integrada é... de expansão física da instituição de modo a evitar algumas aberrações, como eu vejo que existe, estamos ocupando todos os espaços físicos que existem aqui, é... a fragmentação que não é desejável, por exemplo uma coisa que existia em Viçosa, que quando eu fui candidato a reitor era o que eu propunha era que a gente fizesse um pavilhão de salas de aula ali no centro pra todo mundo ter aula junto aonde tivesse aula expositiva ia todo mundo pra aula junto. E aí você esvaziava os institutos e faculdades e ali você podia concentrar pesquisa e etc. Você tinha uma racionalidade maior na hora da construção, porque racionalidade até em termos de pessoal porque são tantos equipamentos, tantas áreas que são criadas, tão sendo criadas e a expansão do corpo de funcionários e técnicos não acompanha, uma hora aqui no ICH, eu tenho notado que tem havido problema. É uma área enorme com o mesmo número de funcionários ou até menos, me falaram outro dia do que nós tínhamos lá no

velho ICH então a gestão do espaço é naturalmente um problema. E não faz muito sentido também ficar só contratando funcionário entende? O... A expansão da instituição podia ter seguido talvez um outro rumo, mas não foi essa escolha da comunidade universitária. Então, que seja assim, mas a frente nós vamos ter que fazer os fazer ajustes. Outra coisa que ao meu ver é meio besteira, porque não percebeu o rumo que as coisas estão tomando é... globalmente, é você multiplicar o número de bibliotecas setoriais. Vocês são jovens cada vez mais vocês lêem as coisas na internet é ou não é? A... Amazon ano passado a venda de e books superou a venda de livros físicos as pessoas não gostam dessa profecia. Mas nós tamo claramente em um momento em que esse ciclo do, do, do papel, livro, etc, ta, ta sendo superado e aí você faz uma aposta enorme todo lugar vai ter biblioteca setorial sem bibliotecário, porque na verdade vão colocar uma funcionário lá pra entregar livro. Você tem que ter bibliotecário né, e qual é a prioridade da universidade multiplicar o número de bibliotecários ou de professores, pesquisadores, e etc, né. Então é essas coisas que, que podia ter né, seguir em outro rumo né? Mas isso é choro de perdedor também é... porque eu só penso que daqui a frente nós vamos ter um gargalo, vamos ter talvez equipamentos que não, não vão ter a... a... né... a... digamos a... o uso pleno como se imaginava tempos atrás.

[48:38] Carolina: E como você percebe a relação entre a universidade e a comunidade ao longo do tempo, em especial com os corre..., com os corre... arredores da UFJF? É harmoniosa, tem problemas?

[48:54] Ignácio: É a universidade provocou é a revolução no bairro de São Pedro aqui, né? Quando eu era garoto e mesmo como eu era estudante aqui na universidade a gente vinha pra cá e isso aqui era quase uma área rural e... pri... como os professores, muitos professores começando a morar aqui isso foi virando uma área de intensa vida urbana, boêmia, e.. tal. Mas agora também não dá pra ficar resmungando, porque essas coisas acontecem é o curso natural das coisas, da vida né. Mas, é... não sei como estão hoje os programas, mas existia programa de projeto de extensão procurando envolver tanto as pessoas de São Pedro quanto de Dom Bosco, ahhh meu Deus me fugiu o nome dele, aquela Márcia Motta dirigia, da Psicologia. E agora o... Então não me parece que essa relação ta tensa atualmente pelo menos pelo se tivesse tensa a gente ia ta ta vendo manifestações mais é contundentes disso.

Agora o meu o problema maior que eu acho é a relação com a cidade, com o poder público municipal, sabe? Com é... os gestores da cidade, com o empresariado da cidade é, é assim uma relação assim de absoluto, de absoluto alinhamento mútuo, de alinhamento mútuo esse que é o problema. Nós temos uma instituição que é o orçamento que em alguns momentos já foi maior que o orçamento da prefeitura, que hoje é um centro de excelência na pesquisa, na pós graduação e na formação profissional, né. Eu quero dizer uma coisa pra você, nós temos aqui um mestrado e um doutorado em Biologia, em Química, um bom curso de Farmácia, reconhecido, é... uma área de saúde muito assim qualificada né? Doutorado em saúde coletiva, que não sei o quê, tem um monte de coisa, olha só a quantidade de coisas que nós temos. Temo uma, uma é... condição de cidade pólo em uma área de saúde, não só pra Zona da Mata, mas também para o interior do Rio de Janeiro, ta, não só na área de saúde, mas na área educacional também, quantidade de estudante do rio que vem estudar aqui na, no segundo grau, mas especialmente no ensino superior é... um espetáculo. Entretanto e... vivemos hoje um momento no Brasil em que o governo tem uma política muito definida pra expansão de um dos pontos de estrangulamento, da nossa economia e da, da área de saúde na produção de medicamentos ta, e tem um monte de empre... e tem um cara Reginaldo Arcuri professor desse departamento que dirige uma entidade que é... que agrupa os sete maiores laboratórios

brasileiros dirigindo para inovação, tão expandindo, investindo, expandindo, etc, por causa do recurso do BNDS, pela política do Ministério da Saúde, que é o Mais Saúde, né. E... eu não vejo ninguém na cidade se mexer pra ver se alguma dessas coisas vem pra cá, pra que nosso biólogos, nossos químicos sejam é... entendeu? Aproveitados aqui. E o que, a gente configure na intercessão dessa rede de serviços de saúde e das áreas da ciência da vida aqui, um pólo no país nas áreas de de do, do, do complexo industrial de saúde, que nós já temos aqui uma, uma empresa que já faz seringa que é a (nome da empresa), e tal, temos a Quiral Química, mas que assim cada uma no seu canto e é isso que não, isso que não dá, o o quer dizer por mais que as pessoas digam que tenha acabado, e então pegamo assim isso é alta tecnologia, né, o setor de confecção que emprega seis mil pessoas em Juiz de Fora, seis mil pessoas, num é pouca porcaria isso, seis mil pessoas, sabe o... a conversa com a prefeitura é quase nada, a única discussão que tem ali é de imposto aqui e ali, não tem nada e com a universidade é zero, pra ver se pode por um, um, um curso desse na Química né, no IAD que tem lá um curso de Moda pra, pra trabalhar pra ver se cria uma marca de Juiz de Fora, se ajuda a alavancar tecnologicamente este setor, não tem nada gente, olha não existe no mundo expansão econômica de ponta que não tem sido resultado de uma articulação profunda da universidade com o poder público. E hoje o preconceito que tinha, que não pode conversar com empresário, etc, já diminuiu muito, falta alguém que faça, que põe essa gente pra sentar, que cria um sistema de incentivo, sabe? É... eu vejo Leopoldina, Muriaé criaram uma instituição da prefeitura para formação de mão de obra é... pro setor têxtil. Aqui eu conversava outro dia com uma empresária do setor têxtil, ocê... o... a única instituição de formação de mão de obra aqui é o Senai que não forma costureira, numa cidade como a nossa não forma costureira. Sabe, sabe o que falta na cidade, alguém sentar, vamo fazer um diagnóstico, a cidade tem jeito e para ter jeito ela tem que passar por essa articulação universidade e pode público municipal, entidades empresariais, sindicatos, todo mundo tem interesse em resolver isso, porque se não nós temos aqui esta instituição fabulosa aqui que é a UFJF que forma gente que vai embora, que não ajuda assim, a,a, a, assim, fecundar o nosso tecido econômico com na direção de mais inovação, mais competitividade, etc. Nada sai, tudo na cidade ta travado, ocê vê o seguinte, aeroporto, uma coisa banal, estão desde a década de 90 fazendo um raio de um aeroporto. Aí descobre que é o morro, mas não podia ter visto isso antes, né. Aí faz... é tudo assim, vamos fazer um aeroporto, faz o aeroporto. Aí agora o... reduziu o número de vôos que saem daqui. Você quer circular dinheiro tem que ter gente andando, saindo e entrando e taranã. E não tem jeito mais pra ir pro Rio, porque se é pra ter agilidade e tal, o negócio é de carro toda hora, já viu como é chegar de carro no Rio? Num tem jeito, aeroporto não funciona, o... o tal do parque tecnológico não sai, enfim é tudo o... parece aquela música do Caetano que tudo parece construção e já é ruína, né uma coisa, isso aí eu acho que a direção da universidade tanto a direção da prefeitura falta é... uma clareza maior da necessidade de articulação, todo mundo faz isso muito pontualmente, uma coisinha ali, uma coisinha aqui, eu vejo muito isso nos nossos alunos, que tem ido fazer estágio lá na Câmara e etc, é assim que as coisas acontecem sabe? Meio (som com a boca intransferível) a nossa área especificamente a coisa então, nem.... e até que tem iniciativa, falta, falta uma ação mais coordenada de fazer o diagnóstico, envolver os atores, criar os arranjos constitucionais e definir um projeto, entende? Ou, ou, ou se quiser mudar a ordem tudo bem. Mas tem que fazer, não dá assim ó... diz que outro dia chegou a representação discente e ó descobrimos que lá no museu do, do outro ta tudo dentro do vinagre. Se não vai lá, vai pro vinagre mesmo, né, vai pro vinagre mesmo. E a universidade pode, e a prefeitura pode, todo mundo pode, aliás deve, deveria, tava fazendo isso, não sei, o problema que a gente pode perder o pé em alguma hora a gente já é a sexta, daqui a pouco a décima que não sei o quê e... vamo ficar vivendo dum passado glorioso.

Mas com uma boa instituição, aqui não perde porque é dinheiro federal, mas pô, poderia estar colaborando muito mais com a cidade, que colabora hoje.

[59:06] Renato: Ensino e pesquisa falta um pouco mais de extensão.

[59:08] Ignácio: E falta extensão também, mas mesmo a pesquisa é uma pesquisa assim que tem pouca conexão com...entende? Com as demandas da cidade, mas não é que os professores devem ficar assim, respondendo as demandas, alguém tem que organizar essas demandas, porque se não cê pode fazer o que te der na telha. Eu estou estudando China atualmente, que não tem nada haver, mas bom, entende? O... mas acho que todo mundo se disporia a, a enfrentar alguns dilemas da cidade se você tivesse uma ação mais articulada, né?

[59:47] Carolina: E a UFJF te possibilitou realizações de sonhos individuais, coletivos e/ou profissionais?

[59:54]: Os coletivos você tá vendo aí que tem uma certa frustração né? (risos). Mas, os individuais sim, eu hoje tô perto de aposentar, me falta aí uns quatro, cinco anos (risos), e assim é... faço o que gosto, né? Gosto muito de ser professor é uma coisa me dá orgulho quando eu vou a feira e a pessoa lá, o feirante “ô professor Ignácio”. Eu me sinto ótimo, quando alguém me chama “ô professor”, então. E... tô a muitos anos envolvidos em projetos de pesquisa, sem parar, a um tempão, e enfim tô fazendo o que gosto. A, a, a única coisa que eu sinto, assim, é que o tempo vai passando, os cabelos raleando e embranquecendo, e eu num, num vejo esse que era o grande sonho que eu tive desde cedo, isso sempre passou na minha cabeça, “gente nós temos que fazer essa articulação, com a cidade, mas num projeto orgânico pra cidade, que seja bom pra Juiz de Fora e pra universidade”. Isso aí eu vejo o tempo passar e num vejo nada acontecer nessa direção. Isso aí até me frustra muito, é a minha maior frustração, né. E que é claro que isso é pessoal, acaba sendo pessoal, porque pode ser que um dia aconteça onde (inaudível) pode ver saudando lá gagá “ô que legal que fizeram.” Mas o... sempre tive vontade de tá dentro, envolvido em um projeto desta natureza, né, mas como não dá eu vou tocando minhas pesquisas, dando minhas aulas, minhas orientações e a gente sempre se realiza quando vê um aluno que vai pra frente, né, e que... comenta com ocê assim ”aquele livro abriu a minha cabeça” ou então assim “pô super legal aquele tópico que você deu”, isso tudo é ótimo, mas é assim, não resolve o problema dos sonhos coletivos que você falou.

[01:02:11] Carolina: E qual sua avaliação sobre o REUNI e o PROUNI?

[01:02:16] Ignácio: (tosse) Eu acho o seguinte, acho (pausa), acho que tudo o que foi feito pra ampliar o ensino superior público por um lado que é o Reuni ou pra aumentar o acesso das pessoas ao ensino superior não obstante fortalecendo algumas entidades privadas, como é o caso do PROUNI, né, é... foi bom, foi bom. A gente vê na universidade hoje o perfil até demográfico da universidade é muito diferente, então as políticas de ação são afirmativas, que, aliás, eu tenho maior orgulho, eu uma vez eu falei que foi a coisa mais importante que eu fiz na minha vida, foi o relatório das cotas, que eu adoro olhar para a sala de aula e ver as pessoas, as negras, as pobres, etc., tendo finalmente a chance de estudar e é uma política definitivamente bem sucedida, né, definitivamente bem sucedida no Brasil inteiro, os números estão mostrando e é... desmontou vários preconceitos de avaliações esdrúxulas sobre o que ocorreria se elas fossem plantadas os campos vão se conflagrar, negros e brancos vão se matar, o negócio não aconteceu nada disso, mas nada disso em lugar nenhum né. E... o... desempenho da, da população regressa da escola pública e negros tem sido bem satisfatória, naturalmente teve

dificuldades decorrentes da... da debilidade do nosso ensino público, né, e do nosso ensino em geral, não é só isso não, não é só o público. É... mas isso aí foi muito bom.

Agora o REUNI em Juiz de Fora foi feito numa cacetada de cima pra baixo e de uma forma completamente clientelista, ridícula, distante assim de qualquer idéia de construir alguma coisa harmoniosa e orgânica como eu estava falando. Na verdade naquela oportunidade a reitoria chegou pras unidades acadêmicas e foi comprando a adesão ao Reuni com promessas de aumento de vagas, de não sei o quê, de obras, é papapapapa. Então saiu umas coisas sem pé nem cabeça né. Os cursos foram ampliados e as vagas foram oferecidas sem muita avaliação das necessidades locais, do mercado de trabalho e tal. É... olha uma formação universitária generalizada eu acho bom pra todo mundo, é bom pra cidadania, é bom pro cara se posicionar melhor no mundo e tal. Mas agora é... era melhor que isso fosse feito, sabe tudo é isso uma falta de articulação com a cidade e a região, um processo conduzido aqui na base do é aceite que eu te entrego que saiu coisa muito maluca. Os bacharelados interdisciplinares do jeito que tão daqui a pouco eles vão ser revistos, né. Eu nem sou contra sabia o bacharelado interdisciplinar, não sou contra não, acho que a gente deveria repensar no Brasil inteiro, um pouco nosso sistema universitário, no sentido de conferir mais liberdade de escolha as pessoas quando ingressam nessa universidade. Nossos cursos ainda são muito rígidos. E com todos os problemas eu acho que o modelo norte americano é um modelo que faculta um pouco isso cê entra, é no cóllege você faz um, um currículo completamente livre e tal, vai escolhendo o que você quer fazer e aí passado um tempo é que você vai definir sua especialização. Aqui você ingressa e já tem que saber, um garoto de 17, 18 anos já tem que saber o que quer, ninguém sabe, eu to falando a minha entrada como é que foi a maior parte das pessoas é assim, a não ser aquelas que colocam na cabeça vou fazer medicina, engenharia, é... direito e odonto porque são cursos que dão dinheiro, assim tem essa definição né. O, o, o vão ali fazem malucamente isso, médicos que vão ganhar (risos), só pensar nisso também. A maior parte das pessoas querem estudar e vai descobrindo ali. Então eu vou... eu sempre achei boa essa idéia, você vai fazendo um, dois anos com absoluta liberdade, de você cursar o que você quiser aí você vai descobrindo, e aí passado essa fase se você não quiser, se você achar "pô esse negócio de universidade, pesquisa e tanananã, não tem vocação profissional não é pra mim, você já tem um curso e alguma coisa que pô me habilita de todo modo, né, me confe... me trás de algumas competências pra pensar o mundo, pra ver, pra olhar o mundo de uma forma esclarecida. E a parte profissional você escolhe depois, né. Então eu acho esse formato bom, eu acho esse formato bom. É polêmico, eu acho bom. Mas agora num tem jeito de cê fazer isso sem ser num for num processo mais amplo, sabe? É... Não foi amplo nem dentro da instituição, e... o ideal é que ele fosse no país de uma reforma geral do nosso sistema. Mas isso é muito complicado, aí fica esse curso rígido, o sujeito vai, igual quando foi criado aqui o curso de Turismo, foi criado o curso de Turismo num dado momento não dá pra por esses turismólogos, não tem mais lugar pra por. O professor sempre vai ser preciso, ganhando pouco, mas sempre vai ser preciso, mas tem umas profissões, que assim você tem uma necessidade pontual, então você cria o curso pra responder, passou a necessidade não vou ficar lá formando gente, se cê tem um formato mais flexível, entende? O que importa é o sujeito entrar na universidade, faz o que quiser, mas nos primeiros dois anos ele vai estudar Folclore brasileiro, ameba, aí eu vou vendo assim, opa eu gosto disso aí eu vou embora. Porque aí mermo a... dificuldade do mercado vão ser compensadas por uma preferência firmada com mais intensidade, né? E não assim aquela coisa que você entra um curso quadrado, né, tem que seguir nele. Enfim, mas isso é uma opinião pessoal. No departamento de História eu tinha uma posição um pouco mais favorável ao bacharelado interdisciplinar, mas eu me alinhei com departamento porque é a maneira como a coisa foi feita aqui não dava. É... foi tudo feito a toque

de caixa, a base da barganha e tal. Mas, agora, a História penou um pouco por causa disso, porque foi o departamento que menos cresceu em termos de contratação de professor. A Ciências Sociais pulou de 18 para 26 e nós estamos com 23 agarrado ali.

[01:10:23] Carolina: E em relação aos órgãos de pesquisa qual a sua, sua relação com a CNPQ, com a Fapemig?

[01:10:32] Ignácio: É o... eu já tive projeto financiado pela Fapemig, que foi muito importante, um projeto que tempos atrás do qual resultaram outros projetos e... com CNPQ eu tive, eu participo de um instituto, chama Instituto Nacional de Ciências e Tecnologia Políticas Públicas e Estratégias de Desenvolvimento que é... custeado pelo CNPQ e pelas fundações de pesquisas estaduais, no caso especialmente a FADE... FAPESSE porque a liderança deste instituto é do Renato Borges, aqui do Rio, e então a FAPESSE. Agora, eu já tentei duas vezes ser pesquisador do CNPQ. A primeira o meu projeto não foi aprovado, a segunda ele foi aprovado, mas eles falaram que eu não cumpri um requisito lá de publicação, etc. que eu não devo ta conseguindo cumprir ainda (risos) e que eu pretendo resolver ano que vem. Porque eu to com, têm três, quatro anos, que eu to com duas pesquisas em andamento. Então ano que vem eu pretendo parar isso, e transformar isso tudo em artigo. Mas eu acho que eles funcionam bem, e se há uma coisa boa no Brasil são os órgãos de fomento da pesquisa, tanto é que hoje nós já somos padrão internacional, né, classe A, nesses indicadores que você pode discutir se eles são válidos ou não, mas publicação em revistas científicas, e etc, o Brasil já ta lá pontiando isso por causa desse esforço grande das instituições universitárias, dos seus é... integrantes e das agências de pesquisa, né? É isso, pode-se questionar se se, essa ou aquela política é a melhor e tal, mas não há como negar que o Brasil tem uma, uma rede institucional muito poderosa para o estímulo da pesquisa, o que ta faltando pra gente, exatamente é essa articulação da pesquisa básica universitária com o mundo da produção, romper alguns preconceitos que a gente tinha, num converso com empresário, que não sei o que, porque numa economia que o centro da competitividade há de ser, como já tem sido, e há de ser durante muito a capacidade de inovar, de definir novos processos, de lançar novos produtos num é... não adianta você ficar pensando coisas da universidade e aquilo não ter uma repercussão prática. Então essa, esse é o desafio brasileiro e das instituições universitárias nesse que se abre, que se abre não, que já está em curso, né. E aqui ainda tem muito a ser feito, mas isso depende muito do poder público ajudar a fazer né?

[01:14:02] Carolina: E para você qual o papel da ciência na sociedade?

[01:14:08] Ignácio: Ué, ciência é tudo né. Ci...A ciência, primeiro o...Habermas ele um pouco ingenuamente, ele imagina que numa sociedade democráticas contemporâneas é...e temperadas né, como dizem o desenvolvimento científico e técnico, a gente pode chegar num estágio assim em que a comunicação entre as pessoas seja transparente, no sentido em que despida de preconceito de natureza é... religiosa, e... é... ideológica, etc, etc. Tem muito de ingenuidade nisso, mas o... o... que o desenvolvimento científico faculta pra gente é essa possibilidade mesmo. É... ontem eu vi um filme chileno de uma menina que não conseguia conversar com a mãe, por causa de problemas de rigidez da formação religiosa sobre a sua sexualidade e aí.. tava vendo eu e a Valéria e eu falei: - “poxa vida que coisa engraçada isso né. Se o a refe..se as referências para o diálogo fosse menos assim, você pecou, você errou, você não sei o que, mais é.. o.. quais são as demandas biológicas de uma determinada idade e tal. Se eu pudesse ter essa conversa esclarecida, né, o que é a determinação é... da natureza, o que que é a questão dos constrangimentos sociais se você puder ter esse tipo de conversa eu acho que a gente teria muito

menos conflito inútil na sociedade e uma perspectiva mais construtiva de erigir uma sociedade democrática, mais fraterna, mais harmoniosa. Evidente que cê não pode pretender é... erradicar outras formas de ver do mundo, mermo essas teriam muito a ganhar se a... esse espírito científico mudasse a percepção das coisas. E além do mais de um ponto de vista prático é a ciência que pode nos permitir enfrentar dilemas de toda ordem, é...inclusive aqueles que são da própria cria, por exemplo, a..os dilemas do meio ambiente, por exemplo, apesar da ciência ter muita culpa nesse negócio, até, né, contraditoriamente em relação ao que eu falei antes aqui por causa da sua propriabilidade muito instrumental, da sua propriação muito instrumental, é.. eu não acho que vá se resolver isso sem também uma grande contribuição do.. pra.. da prática, do fazer científico. Então, nas sociedades contemporânea ou é com a ciência ou não será com lugar nenhum. Então, é por isso que eu digo, a formação cidadã deveria envolver todo mundo com um curso superior, todo mundo deveria ter um curso superior, a ciência é um direito da cidadania. Essa é, né, mas isso não é a questão do mercado, por isso aquela coisa que eu falei, assim um certo patamar mínimo de formação todo mundo deveria ter e a partir daí quem sabe esse, essa utopia harbeazina a gente se aproxima cada vez mais dela. Eu já vi coisas acontecerem aqui, eu não gosto de fazer muito esses comentários assim sem as ressalvas devidas, porque pode parecer preconceito. E eu quero chamar a sua atenção para uma coisa, o Marx uma vez nos [inaudível] que tem três formas de conhecimento a arte, a ciência e a religião. Ele colocava a religião e a arte como forma de conhecimento, mas cada uma com os seus códigos, linguagens, e... e...mecanismos digamos, assim, de verificação próprios. Mas a... eu já vi aqui, pessoas que...teve um caso quem pra mim é muito emblemático que eu nem sei se a menina ficou feliz que isso também é um problema, se a coisa é generalizada você cria uma pessoa deslocada em dois ambientes. Mas tinha uma menina aqui que era muiiito rígida em termos religiosos que não sei o que e tatatatata, e assim o jeito de vestir, o jeito de falar, a maneira de se comportar com as pessoas e tal, aí teve um, um fevereiro deste que as aulas começaram ou março ou agosto, sei lá quando que foi, que ela chegou de mini saia, cabelo curto, que não sei o que, e eu não consegui deixar, - menina o que que houve com você? Ela falou: tô fazendo História. (risos) Aí tipo assim, a fixa caiu (risos). Sabe não tem que travar um combate contra nada, nada disso, as pessoas colhem o que querem livremente, assim que deve ser. Mas é muito legal que o conhecimento ajude a desmanchar determinadas barreiras, entende. Agora, isso tudo tem que ser feito com os cuidados devido para não criar aquele clima assim o meu mundo acabou. Então não é também pra você chegar lá no seu grupo e começar a brigar com todo mundo e se sentir e não dá nem o direito de um lado nem direito do outro. Tem que ser algo construído dialogicamente e eu acho que a ciência permite isso mais do que as outras duas formas de saber que o Marx falou embora todas sejam legítimas.

[01:21:24] Carolina: E qual é o dever do professor na sociedade, na sua opinião?

[01:21:31] Ignácio: O dever, ó o dever elementar é ajudar aqueles que estão digamos assim sobre a sua responsabilidade como professor a se dotar da competência necessária para seguir a diante sozinhos. Eu acho que é um pouco isso, porque não adianta achar, é assim a gente tem que ensinar alguma coisa, alguma coisas você tem que ensinar, não adianta ficar pensando assim que o professor é só um pajem, ele tem que ensinar. Tem algumas coisas que eu passei anos estudando então você sabe entendeu como é que é você vai lá e ensina, mais assim eu lembro de uma grande professor que eu tive que foi o professor Cruz que ele falava assim: - o máximo que a gente faz é abrir uma janelinha, a exploração do horizonte a pessoa tem que fazer. – Então, na, na, na nossa atividade a gente tem que né, criar, vê se conseguiu criar essa capacidade que ao meu ver envolve é... no nosso caso ver se os alunos estão dominando certo os instrumentos

teóricos e tal, né? Mas na formação do professor é um pouco mais complicado porque aí é realmente o que eu to falando essa coisa do ensino, não sei direito, até essa coisa assim, essa relação conflituosa com a faculdade de educação, isso a gente tinha que trabalhar melhor também. Porque de fato tem algumas coisas que tem haver com a maneira, como as coisas devem ser ensinadas, e aí, eu não tenho como dizer. Agora eu posso te dizer só uma coisa que me ocorreu é... outro dia, quando a gente estava escrevendo lá a proposta do projeto político pedagógico do curso ser apresentado pro departamento e pro CA aí em duas semanas. É... hoje em dia a quantidade em informação que as pessoas tem por diferentes veículos, é muito grande, é muito grande. Então, não adianta você pensar, que o cara vai chegar na sala de aula ouvi o que você falou e aquela é a primeira vez que ele ouviu, então é a que ele vai achar que é verdadeira. As vezes até ocorre hoje em dia do cara ta com a internet ligada e imediatamente achar o que você falou e já vem assim – há professor tatata. Então no caso do ensino de História é muito importante que a gente tenha condição de desenvolver com muita firmeza nos alunos aqueles princípios que você aprende no primeiro ano e tudo, nos estudos históricos e depois na metodologia, a fonte, a crítica externa e interna da fonte, porque aí o professor pode funcionar como uma espécie de âncora nesse redemoinho de informação que passa por ali. Outro dia eu vi um menino, o meu filho chegou pra mim meio irritado falando uma coisa lá que viu na internet, uma completa besteira, uma completa besteira, mas tava lá na internet. Aí eu perguntei: - ô meu filho mas quem falou isso? – Sabe essa coisa quem falou isso? de onde você tirou? Aquela coisinha de nós historiadores somos um pouco mais treinado para se perguntar. Então por isso que o desenvolvimento do domínio sobre isso as vezes é mais importante do que desenvolvimento o domínio do conteúdo, o conteúdo o cara vai, né. Não precisa tanta aula, precisa algumas aulas assim que sejam aquelas que o cara teve aquela aula: - pô aquela aula. – né. Você não precisa de muitas aulas, negócio de aula, aula, aula. Precisa ter aula não é isso que eu quero dizer. Mas o mais importante é tentar desenvolver o domínio sobre é... os recursos teóricos e heurísticos de apuração do que das informações que circulam por aí e aprende de tudo conté jeito, quer dizer de tudo conte jeito basicamente na internet, vamos dizer assim há como você querer gravar esse negócio. Um colega que trabalha no ensino municipal chama assim atenção para isso, como que algumas diretoras elas estão querendo restringir o ipad, restringir o celular, restringir...isso não vai adiantar gente, não vai adiantar. Vai adiantar? Não vai adiantar gente. E pra por o aluno ali sentado, você tem que de alguma forma trazer isso para o processo de ensino e aprendizagem. Agora, não me pergunte como, porque essa parte eu não sei, eu sei que é importante. Tem que refletir sobre isso né?

[01:27:39] Carolina: E como você vislumbra a UFJF daqui 50 anos?

[01:27:46] Ignácio: Ó eu acho que existe já uma inércia constitucional que nos garante estar inscritos em...entre as instituições de ponta de excelência do Brasil e daqui um tempo até de ponta eu vejo muita vitalidade, né? Eu só espero que a gente consiga resolver esse dilema que eu tava falando aí é... para ajudar também a cidade alcançar os seus objetivos, ta. Porque na universidade não vejo mais retorno, tem algumas coisas assim já chegou num patamar que num tem mais como retornar. É evidente que o conhecimento muda, algumas áreas vão perder substância outras não vão e tal. Mas nós temos muita vitalidade aqui, muita crítica e se num houver mudança de rumo nas próximas políticas de apoio ao ensino superior eu vejo dificuldade para instituição continuar se afirmando cada vez mais o que eu quero é que eu só espero é que ela rompa com esse alinhamento que ela tem da cidade que isso vire uma obsessão pra nós. Se isso vai acontecer eu não sei. Mas é o que eu espero pra daqui cinquenta anos. Quer dizer que

tem um caminho que é quase inerte e tem um outro que depende de um pouco mais de disposição dos gestores de fazer.

[01:29:45] Carolina: Entendi. Você tem alguma questão? Então eu queria agradecer a entrevista, a oportunidade de estar te entrevistando.

[01:29:53] Ignácio: Tá bom. Qual é o seu nome?

[01:29:55] Carolina: Carolina.

[01:29:56] Ignácio: Carolina e você é o Renato.